

A MINHA FILHA

Não te iluda do Mundo o falso brilho,
Nem a beleza errante e fugidia.
Venera, sim, aquela a qual me humilha,
E dos refólhos da alma se irradia.

Alegre, sempre segue o áureo trilho.
Com inabalável fé, em Deus confia.
Lembra que um Pai, não desampara um filho,
E, incansável, as mágoas alivia!

Sê humilde e tolerante, se quiseres
Vencer as provas do destino oculto,
Sem orgulho, sem ódio e sem paixão.

Serás sempre ditosa, quando deres:
Ao incrédulo, um pouco do teu culto!
E ao faminto, uma coêda do teu pão!

*

Essa luz que eu vejo, agora,
Nos teus olhos cintilar,
É como o dealbar da aurora,
Da imensa noite polar!

A MEU FILHO

Luta, por essa chama peregrina,
Que crepita e cintila no teu Ser!
Pela fé, que te enleva e te ilumina!
Pelo bem, que hás de um dia merecer!

Pela esperança, dádiva divina!
Pela vontade heróica de vencer!
Pelo ideal, que fulgura e que fascina!
Pela certeza augusta, que hás de ter!

Luta contra a aridez, da vida inglória!
Contra a calúnia, o vício, a inveja, o crime,
Pelos vencidos, já, sem combater!

Nesta humílima vida transitória,
Pela dor, que lacera e que redime,
Conquista o teu porvir, para Viver!

Saudade! — uma flor mimosa,
Bem dos tons do manacá;
Uma roxa, outra rosa,
Conforme a planta que dá.

DUVIDA

A Mery Netto

A nossa alma, por vêses, nesta vida,
Parece palmilhar num rumo incerto.
E até crê, desnordeada e incompreendida,
Ter vivido num árido deserto!

Tudo é penumbra... a Terra adormecida,
É como um céu, de nuvens encoberto.
Mas, bruscamente, volta a luz sumida!
Desta ilusão, meu coração liberto.

E ao ver, tanta incerteza e tanto engano...
Essa dúvida eterna que persegue,
— No mundo vil, — o coração humano,

Imploro a Deus, que as aflições acalma,
Que em me negando tudo, me não negue,
Uma réstia de luz, para minha alma!

*

Este amor que a gente cria,
À clara luz da Razão,
Não é como a Fantasia;
Tem eterna duração.

A OLAVO BILAC

Ainda vibram no ar, do pampa ao seringal,
Rimas que cinzelou, e os hinos que teceu,
Com fervoroso amor, a este torrão natal,
Essa alma de eleição, o Gênio que foi teu!

Como um clarim ressoa, e não emudeceu,
A congregar o sentimento nacional!
Voz eloquente!... Voz altiva que se ergueu,
Transbordante de fé!, cintilante de ideal!

E quando embebo o olhar nessa amplitude celeste,
Pontilhada de sóis, de esplendor e mistério,
Lembrando a fascinante atração que tiveste,

Vejo estrelas cingir-te em demorado abraço.
E com brilho nitente, um resplendor sidéreo,
Mais uma luz a arder, a fulgurar no Espaço!

*

Diga lá o que quiser, quer que
Não há mentira mais doce,
Do que quando se quer,
Como se verdade fosse!

Terra minha! de Ti, eu me envaideço.
De todo êste fantástico esplendor!
Por ser dos filhos teus, eu agradeço...
E dou-te em, paga, humilde, o meu amor.

Teu pobre coração é um jardim fanado,
Em que não desabrocha uma ilusão qualquer;
Ermo campo sombrio, inculto e abandonado...
Crestou-o o ardente sol de uns olhos de mulher.

Como de ufano orgulho eu estremeço:
Quando vejo luzir, com tal fulgor,
A bênção cintilante! — êsse adereço,
Que esculpiu, em teu céu, Nosso Senhor!

Outroza, que esplendor nesse chão encantado!
Todos os vivos tons da aurora rosicler!
Que transfiguração... estéril... desolado...
Para iludir o olhar, nem um oásis sequer!

Bênção que se irradia, que é vidente:
Nesta pujança do que aqui palpita!
No que viceja no teu solo ardente!

Por que o deixas assim, nesse triste abandono,
Sem um raio de sol, sem uma verde nuança,
Como uma árvore nua e num eterno outono?!

E tantos são os teus encantamentos,
Que nos conservas, — ó graça infinita
Numa sequência de deslumbramentos!

Semeia! Não de florir como em eras passadas!
O alvo lírio da fé e as rosas da esperança...
Fertilizam o chão, as cinzas das queimadas!



Esta dor que a gente sente,
Sem a saber traduzir,
É como o tempo presente:
Tem passado e tem porvir.

Que encanto dá a teu rosto
A meiguice dêsse olhar!
Tem ternuras de sol pôsto,
Tem carícias de luar!

PORTUGAL !

LUTA HEROICA

À memoria de meu irmão
Milton Villar de Lucena

Povo de Portugal, ousado e ufano,
Que invicto palmilhou o Mundo inteiro,
E insatisfeito de vencer o Oceano,
Pelo espaço o transpôs, em vôo primeiro!

Quem não sofreu do Mundo os múltiplos enganos,
Das vis ingratidões, todo o daninho efeito,
E num fugaz minuto a dor e os desenganos,
Que traz ao coração o sonho já desfeito;

Eu te saúdo, Povo soberano!
Cedo aprendi a querer-te... sobranceiro,
Na prosa inconfundível de Herculano!
E nos sublimes versos de Junqueiro.

Quem não sentiu da Vida ao suceder dos anos,
O complexo feroz de um horizonte estreito,
As decepções cruéis e os mais acerbos danos,
Que a injustiça terrena espalha com despeito!

Num grandioso solar!... repousa a Glória
Vivida em oito séculos de História!
Sinto: na voz que o tempo não destrói,

Quem não sorveu veneno em taças multicores,
Nem sufocou no peito as mágoas e a quimera,
Ao contemplar contrito alheios dissabores:

Pulsar, teu vulto intrépido de herói!
Na voz ingênua e terna das ceifeiras,
Tua alma emotiva palpitar nas eiras.

Não sabe o que é viver, nem o que é a luta insana,
Que incrédulos aviltra e crenes, retempera,
No palco imenso e hostil dessa tragédia humana!



Quem no mundo amar não soube,
Acusa o fado inclemente,
Se alguma culpa lhe coube,
Oculta-a de tôda a gente.

Trago encerrados no peito
Dois corações desiguais:
Quando um carta, satisfeito,
O outro, chora ainda mais!

Minha alma inquieta é um peregrino errante,
Anda sempre a vagar num caos de bruma...
Sempre à procura de uma luz distante,
Que no Infinito, diáfana, se esfuma!

Diviso-a às vêzes, rútila e brilhante;
Outras, forflorescente se avoluma,
E dilui-se depois num breve instante,
Até sumir, num estendal de escuma.

Embora possa apenas vislumbra-
te, Encantada bendigo todo o instante,
Gasto nesta tarefa de buscar-te!

Luz da Verdade Eterna, que eu persigo!
E há de pairar, etérea e cintilante,
A iluminar meu derradeiro abrigo...

Como Ashaverus, Tu, vagas pelo Mundo,
Em busca, eternamente, de Ilusão.
Nesse anelo não poupas um segundo,
Falsa miragem? Grata sedução!

Que importa, seja o teu sofrer profundo,
Ou o teu grande ideal, um sonho vão?
Seja o caminho estéril ou fecundo,
Sublime e ingrata peregrinação!

Não te detém o suceder dos anos,
Nem a indômita fúria das procelas...
Da tua dor? despontarão estrélas!

Teu ideal é maior que os desenganos!
Por éle, lutarás, como um titã,
Enquanto te sorrir êsse Amanhã!

* *

Nos jardins desta existência,
A flor mais bela escolhi.
Cultivei-a com paciência,
Mas só cardos eu colhi.

Não temas que amor se ausente,
Quando é sincera amizade:
Estará sempre presente,
Na tua eterna saudade!

A ANTHERO DE QUENTAL

L U Z

Ao General
João Pereira de Oliveira

Como um sol que deslumbra ao despontar raioso,
Ao zênite atingiste o apogeu do teu fausto...
Para tombar depois, num instante angustioso...
Na treva mergulhar, de tanto brilho exausto...

Sublime luz, que a Natureza douras,
E como a Fada de longínqua era,
Sempre da escuridão a morte agouras,
E ao mundo emprestas brilho de quimera!

Um esgar de descrença em teu verso harmonioso,
Um vislumbre de dor, como um presságio infausto,
Pois o mundo era estreito ao teu estro grandioso,
Penso que o Gênio em ti foi dádiva e holocausto...

Por campos verdes e por searas louras,
Nos vales tristes, onde a treva impera,
Te espraias, e em álaçre riso estouras,
Sejam manhãs de outono ou primavera!

A angústia que tortura os grandes corações,
Na tua alma de poeta e santo se engastou,
Afugentando sempre as ternas ilusões...

A choça humílima e o solar austero,
Envolves na algria peregrina,
Do mesmo ...plexo carinhoso e são.

Mas foi a dúvida, — tua Cruz e teu Calvário...
A dor que mais pungiu... a que mais agravou
Teu místico sofrer... ó estranho visionário...

Mas quando mais te admiro e te venero,
É quando brilhas, diáfana e divina,
No horizonte imutável da Razão!

Anda o poeta pelo mundo
A mendigar ilusões...
E num contraste profundo,
Iludindo corações!

A canção, alegre ou triste,
Tem um estranho poder:
Disfarsa a mágoa que existe,
E o acerbo mal de viver!

A minha irmã Yvette Villar de **Adalzir Bittencourt**
 e **Lucena Lobo**

Dispersam-se no Mundo, já vencidos,
 Ideais... anseios... sonhos... e ilusões!...
 Dispersam-se até os entes mais queridos...
 E esperanças que iludem corações...

E vagamos, assim incompreendidos...
 Solitários... em meio às multidões...
 Sempre e cada vez mais desiludidos
 De ver florir nossas aspirações...

Como a areia é levada no deserto,
 As plagas mais longínquas, mais diversas,
 Ao capricho feroz dos vendavais,

Assim sopra o destino em campo aberto,
 Levando sempre, de roldão, dispersas,
 As ilusões que acalentamos mais.

Não deixes que o olhar humano,
 Profane o mundo que é teu.
 É um direito soberano.
 Que a vida te concedeu.

TORMENTO

Quantas vezes, talvez, tu já vagaste,
 Nesta jornada efêmera e ilusória!
 Pelos mesmos caminhos, tu trilhaste,
 Sem que nada atraísse tua memória!

Quantas vezes, talvez, interrogaste,
 A razão desta vida transitória!
 E os mistérios do Mundo, em vão buscaste,
 Tendo a visão cansada e merencória!

Por que corres atrás do desalento?
 Ó Peregrino, ingênuo, e visionário,
 Não vês, que o nosso escudo e o nosso alento,

É esta infantil cegueira, este sudário
 Que amortalha o passado e o pensamento?
 Pois a certeza é às vezes um Calvário!

Quem diz que amou nesta vida,
 E torturas não sofreu,
 Deve estar bem iludida,
 Pois nunca amou, nem viveu!

De muitas ardentes, saturando,
 O ocaso pouco a pouco empalidece.
 Um último clarão, amortalhado
 Nesse manto de púrpura, fenece...

Avolumam-se as sombras no ar parado...
 Como um véu a penumbra à terra desce...
 Na limpidez do céu, bem anilado,
 Fulge a primeira estrela! Já anoitece.

Não consigo dizer o que a minha alma
 Sente, fitando em aparente calma:
 É uma angústia tão funda e tão velada...

Tão compungida, quanto deslumbrada...
 Entre a agonia da tarde que se finda,
 E a augusta noite, que desponta ainda...

Palavras, são como as flores:
 Quanto mais simples, mais belas!
 Por isso, sem mais louvores?
 Mando-te rosas singelas...

A ALCEU WAMOSY

Quem ao ler-te não sente a exuberância
 Do poder criador, que à mente imprime
 Esse cunho indelével, e é a fragância
 Que haurimos, no silêncio mais sublime?

Quem se não extasia à ressonância
 Musical da tua rima... e não exprime
 Todo o seu entusiasmo, diante da ânsia
 De perfeição, que a tóda a alma redime?

No horizonte emotivo da tua arte,
 Uma nuvem pairou, — algoz alado,
 Mixto de fé e descrença a torturar-te.

Neste mundo de mágoa, eu te suponho:
 Tal como Prometeu, agrilhado,
 A escarpa da muralha do teu Sonho!

Meu coração é um sacrário,
 Oculto do humano olhar!
 Sempre humilde e solitário,
 Não nasceu para enganar!

Ao meu irmão Porthos Villar de
Lucena

Aos poucos, vai a tarde esmaecendo,
E já não brilha, o sól nos pinheirais!
Solenemente, a noite vem descendo,
Em seu manto de estrélas divinais...

Evocações doridas, vão nascendo...
Violáceas florescências celestiais...
E um místico silêncio, está envolvendo
A Terra, nos seus braços fraternais...

Recolhimento... Paz... Serenidade...
Nossa alma em prece busca a Eternidade,
Toucada de fragrâncias siderais.

Sente infinda saudade... de outras eras,
De outras vidas, talvez... ó vãs quimeras...
Éxtase... Sonho... Enigma... Nada mais...

Trago na alma sempre acesa,
A flama do meu ideal!
É o elo, que me traz prêsa
A este mundo tão banal.

A VOZ DA SAUDADE

A Bertha Leite

Ó Tu, que bates sempre à minha porta,
Numa insistência louca, de pasmar,
E que entras de mansinho... a hora morta,
Com a timidez de um raio de luar...

Tua presença, às vèzes me conforta;
Outras, deixa-me triste a soluçar!
Qual o teu nome? Dizes Tu: «Que importa?
Por que perguntas... quero aqui ficar...»

Sou quem vibra na voz das melodias,
E acompanha-te sempre às romarias,
Que fazes ao passado, sem cessar;

Sou quem enxuga as lágrimas que choras,
Sou a visão da ausência que deploras;
E a mais sincera amiga de teu lar.

Quando fito a Humanidade,
Que angústia eu sinto, meu Deus;
Tanto egoísmo e falsidade,
E se dizem filhos teus!

À minha prima Maria Gracinda
de Macedo Villar e Rosa

Deus, por certo, ao crear o olhar humano,
O fêz, com grande e mística paixão.
E como artista cuidadoso e ufano,
Nos olhos, pôs infinda perfeição!

Deu-lhes o brilho ardente e soberano,
Dos astros que semeou, nesta amplidão!
No âmago das pupilas um oceano
Emotivo, a efluir do coração.

Azuis... castanhos... verdes... e até pardos...
Que expressões raras!... quão diversas côres,
A desafiar pintores, poetas, bardos...

Negros alguns... profundos... sonhadores...
Afiando ou pungindo como dardos...
Mas igualando a noite em esplendores!

Quem de sonhos e quimeras
A sua vida teceu?
E não descreê nem espera?
Murmura o poeta: «Só eu!»

A VOZ DO MAR

A Olga Lupion

A tua voz ressoa ao meu ouvido,
Como uma queixa triste e singular
De um estranho poder. Desconhecido
Mundo que clama em tua voz, ó Mar!

Sempre o meu Ser te escuta comovido...
Sempre, no teu eterno murmurar,
Procuro interpretar o teu gemido,
Tua dor... teu lamento... e teu pesar...

Penso por vèzes: é tão parecido
Nosso viver... talvez nosso cismar...
A mesma luta insana e o desmedido

Enlêvo, a ignotos Mundos contemplar...
E ante o deslumbramento, embebecido,
Gemor de dor, por não saber falar...

Os poetas e a desventura
Desse o berço à sepultura,
Trilham caminhos iguais
Cada vez se acêrcam mais.